

# REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

«Que farei de Jesus  
chamado Cristo?»

Pág. 3

O Movimento Carismático  
à luz da Profecia

Pág. 6



NA NOSSA ERA de maravilhas houve homens que viajaram 380 000 quilômetros para pisar o solo da Lua, foguetões fizeram a circum-navegação de Marte e enviaram para a Terra fotografias daquele planeta. Já nos acostumámos a crer no inacreditável. Temos a mente toldada pela velocidade e os prodígios causam-nos vertigens.

E no entanto apenas um Homem ultrapassou a barreira da morte para franquear as portas do Céu à humanidade. A história da crucificação e da ressurreição de Jesus, fazendo parte das nossas mais remotas recordações, soa-nos como uma melodia familiar de que nos lembramos sempre mas que nunca examinamos. (Ver última página.)

## SUMÁRIO

A Cruz de Cristo  
«Que farei de Jesus chamado Cristo?»  
Orai pelo Vietnam  
O Movimento Carismático à luz da Profecia  
A Importância da Educação Cristã na Igreja Adventista  
Porquê Orar?  
Serviço Voluntário Adventista em Cabo Verde  
Oferta «Aventura na Fé»  
Que vem a ser a C. R. A. M. V.?  
O motivo por que Adolfo não podia comer  
Notícias do Campo  
Ressuscitou!

### REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal

MARÇO DE 1975

ANO XXXVI

N.º 342

Director:  
ERNESTO FERREIRA

Administrador:  
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO  
S. A. R. L.

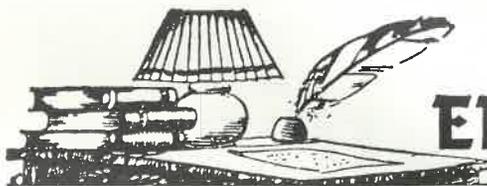
Redacção:  
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17  
LISBOA

Administração:  
RUA SALVADOR ALLENDE,  
LOTE 18, 1.º  
S A C A V É M

Composto e impresso na  
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.  
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

#### Preços:

Assinatura Anual: 50\$00  
Número avulso 5\$00  
Estrangeiro 70\$00



Página  
EDITORIAL

# A CRUZ DE CRISTO

Ao aproximar-se a Páscoa é já lugar comum recordar as cenas da paixão e morte de Jesus Cristo. Para nós Adventistas do Sétimo Dia, que damos mais valor aos factos e àquilo que eles representam do que propriamente a datas mais ou menos fixas e a ritos, creio ser, no entanto, ocasião propícia para relembarmos e firmarmos a nossa fé no que significa para nós um tal sacrifício.

Jesus foi crucificado de acordo com as Escrituras para que todos os que n'Ele crêem não tenham a morte eterna. A Bíblia afirma que «Cristo morreu por mim». Ele tomou o meu lugar perante Deus. Ele morreu para me salvar da destruição, pois essa é a sentença para a desobediência.

O apóstolo S. Paulo afirma em Romanos 6:23: «Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna.» E, ainda, em Romanos 3:23: «... Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.»

A morte é a punição do pecado e o pecado é a transgressão da Lei de Deus, ou seja, a rebelião do homem em relação ao seu Deus. Mas Jesus, o Filho de Deus, tomou sobre Si os nossos pecados e morreu em nosso lugar para assim nos poder salvar. Ele quis assim remir os nossos pecados — foram eles que O pregaram na cruz do Calvário. Ele morreu porque nos amava e era esse o preço do pecado. O apóstolo Paulo escreveu: «Ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou.» (2 Cor. 5:15).

Quando compreendemos o que na realidade Ele fez por nós ficamos ligados a Ele, o nosso querer

é o Seu. Tudo muda. A vida torna-se diferente. «Se alguém está em Cristo nova criatura é: as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo» (v. 17).

Cristo morreu voluntariamente por nós. Que maravilhoso Salvador possuímos! Ele tomou a natureza humana, fez-Se como qualquer um de nós, mas antes de tudo Ele era Deus. Jesus estava «no princípio com Deus ... e ... era Deus.» (João 1:2). Participou na criação, e não obstante tomou a nossa humanidade por amor para com as Suas criaturas, o que O exalta por toda a eternidade.

Jesus, como homem, morreu na cruz no Calvário, no meio de dor e sofrimento, mas não foi um mártir. Morreu voluntariamente, deu a Sua vida, porque assim o quis: «Ninguém a tira de mim [a vida]; pelo contrário, eu espontaneamente a dou.» E, não esqueçamos que Ele tomou esta atitude quando nós ainda éramos pecadores, portanto Seus inimigos. Porque é o pecado que «faz inimizade entre vós e Deus». Mas, mesmo nessas condições, «Ele morreu por nós, sendo nós ainda pecadores» (Rom. 5:8).

O apóstolo Paulo afirma que pode ser que alguém se disponha a morrer por aquilo que ama (Rom. 5:7). Sabemos que isso já tem acontecido. Mas morrer voluntariamente, por um inimigo, isso nunca se viu, a não ser no caso de Jesus.

Recordemos, mais uma vez, nesta Páscoa, a morte de Jesus em nosso favor. Mas não basta recordá-la; é necessário torná-la nossa, através da sua aceitação, fazendo que ela se reflecta em nós, numa vida de verdadeiros cristãos.

A. Baião

# «Que farei de Jesus chamado Cristo?»

A. D. Gomes

PARA RESPONDER consciente e inteligentemente a esta pergunta feita por Pilatos à multidão sublevada (Mat. 27:22), e que tem de surgir no espírito de ateus e cristãos, precisamos documentar-nos sobre quem foi Jesus de Nazaré, qual o Seu ensino e como o exemplificou na Sua vida. Os mais antigos documentos históricos são inegavelmente os que se encontram no Novo Testamento: as quatro biografias (ou Evangelhos) e os restantes escritos, por pessoas que com Ele conviveram. Tudo o mais que, nos séculos posteriores, se tenha dito sobre Jesus não passa de repetições mais ou menos desenvolvidas do que se encontra no Novo Testamento. Nesta nossa análise, como não podemos nem queremos escrever um tratado completo, limitar-nos-emos a observar as afirmações novo-testamentárias sobre a Sua personalidade e a maneira como os Seus mais íntimos discípulos a explicaram. Dividiremos portanto o assunto pelas seguintes perguntas: 1) Que disseram testemunhas oculares e fidedignas sobre a personalidade de Jesus? 2) Que disse Jesus sobre Si mesmo? 3) Que disseram sobre Ele os Seus mais íntimos seguidores? 4) Como interpretaram os pensadores posteriores todas estas declarações e quais os aspectos mais notáveis das polémicas sobre a personalidade de Jesus, no decorrer dos séculos?

## I — Que disseram sobre a personalidade de Jesus testemunhas oculares e fidedignas?

Foi considerado como Mestre por indivíduos de elevada cultura: Nicodemos, príncipe dos judeus, (João 8:1-2); um literato (Mat. 8:19); os discípulos dos Fariseus (Mat. 22:16), deram-lhe esse título. O povo acorreu em massa a ouvir os Seus ensinamentos (Mat. 23:1) e admirava-se das Suas doutrinas porque ensinava como tendo autoridade e não como os eruditos do Seu tempo (Mat. 7:28-29). Os servidores dos principais sacerdotes e dos fariseus, enviados a prendê-lo, voltaram sem Ele e declararam: «Nunca homem algum falou assim como este homem» (João 7:46).

O próprio Jesus, que recusou títulos como o de Bom e o de Rei (Luc. 18:18-19 e João 6:15), acei-

tou o título de Mestre como verídico: «Vós chamai-me Mestre e Senhor e dizeis bem porque eu o sou» (João 13:13). É de ver que o ensino de Jesus abrangia assuntos que podemos catalogar em duas espécies distintas: ensinamentos positivos sobre as práticas da vida e outros sobre o universo dos invisíveis. Notemos que é de ciências exactas a existência do universo dos invisíveis muito mais rico e potente do que o universo dos visíveis: electrões, fotões, ondas electromagnéticas, etc. são invisíveis mas tão reais que foi possível medi-los e pesá-los. Quando alguém toca em fios de alta tensão é fulminado. Que é que o fulmina? Não é o fio metálico em que tocou mas a potente corrente de electrões invisíveis que desliza pelo fio, etc. Ora o que mais importa no ensino de Jesus não é o que trata do universo dos invisíveis mas o que diz respeito ao mundo visível, do controlável por todos nós. Da veracidade deste ensino podemos criar fé no que deu sobre os invisíveis. Compare-se a Escola fundada por Jesus — o Cristianismo — com a de qualquer outro Mestre ilustre, em filosofia, sociologia e religião. Qual foi o Mestre que estabeleceu uma escola produtora de frutos iguais aos do Cristianismo? Onde está o ensinamento dos mais ilustres Mestres que se tenha mantido inalterável através dos séculos e tenha produzido civilizações comparáveis às do Cristianismo? Feita esta análise, é negável que o Mestre Jesus está para todos os restantes Mestres como o pico do Everest para as restantes montanhas mais elevadas. Recusar acintosamente analisar os Seus ensinamentos, submetê-los à prova da vida prática, é a atitude irracional da avestruz que dizem meter a cabeça na areia para não ver os caçadores. Quem, porém, analisar os Seus ensinamentos e os submeter à prova prática da vida é forçado a considerar Jesus como o mais ilustre Mestre da humanidade.

Além deste título de Mestre, aparece outro que Lhe foi dado por representantes das mais variadas camadas sociais e que passa quase imperceptível na leitura dos documentos biográficos, tão vulgar é ele nas nossas línguas modernas: o título de Senhor. A quem, nós portugueses, não damos o título de Senhor e de Senhora? Mas era impensável aos gregos, romanos e judeus, dar tal título

nem sequer aos mais nobres dos seus contemporâneos. O seu trato normal era o de «tu» ou, então, empregavam o nome próprio. É assim que, quando Jesus dialogou com o sumo-pontífice não lhe disse: — «O Senhor o disse», mas apenas: — «Tu o disseste» (Mat. 26:64).

Ora verificamos que foi dado a Jesus o título de Senhor por: um doente popular (Mat. 8:2); os seus discípulos (Mat. 8:25, Luc. 9:54); um oficial romano (Mat. 8:6); o povo em geral (Luc. 6:46); um anjo (Luc. 1:15); e até o próprio Jesus se atribuía este título (João 13:13 e Luc. 19:31). Saindo das biografias para os restantes escritos do Novo Testamento, encontramos este título à profusão. Por exemplo em Act. 2:36, I Cor. 8:6, 12:3, Filip. 2:11, I Tess. 4:16, Tiago 4:10, Apoc. 14:13, etc.

Surge então a pergunta: donde proviria este título de Senhor e qual o seu significado?

O nosso «Senhor» é a tradução de «Dominus» latino — título que nenhum romano daria a qualquer nobre e muito menos a qualquer popular — e na Bíblia este «Dominus» é a tradução do termo bíblico em grego «Cúrios» que, por sua vez, traduz, o «Adonai» do hebraico do Velho Testamento. Ora este «Adonai» era o título que substitua o de «Jeová» que não se deveria pronunciar. Na leitura dos textos em que se encontrasse «Jeová», o leitor deveria trocá-lo por «Adonai». Por isso os tradutores do Velho Testamento para grego, chamados os LXX, traduziram «Adonai» e muitas vezes até «Jeová» pelo termo «Cúrios». Por sua vez os tradutores da Vulgata Latina deram a este «Cúrios» o termo «Dominus» que, portanto, significava «Adonai».

Observe-se, por exemplo, estes pares de textos equivalentes no Novo e no Velho Testamento: Luc. 1:76 e Malaq. 3:1; aqui verifica-se que Senhor=Jeová; Rom. 10:13 e Joel 2:32: aqui Senhor=Jeová.

Daqui se deduzirá que este modo estranho de tratar Jesus por Senhor Lhe dava uma forte tonalidade de divino! Colocava Jesus acima do nível humano mais elevado! Feitas as mais drásticas reduções possíveis, ficará um facto inegável: para os escritores do Novo Testamento Jesus era um ente superior ao máximo, um ente divino, como S. Tomé dizia: «Senhor meu e Deus meu» (João 20:28). E até o próprio Jesus dizia: «Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, etc.» (Mat. 7:22). Por isso S. Paulo escrevia ao seu colaborador Tito (2:13): «Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo» em que, segundo a gramática grega, Jesus Cristo é igual ao grande Deus, além de Lhe dar o título de Senhor de que temos tratado.

O próprio Jesus estava capacitado da Sua origem divina quando dizia: «Vós sois deste mundo mas eu não sou deste mundo; Vós sois de baixo mas eu sou de cima. (...) Eu saí e vim de Deus, não vim de mim mesmo mas Ele me enviou. (...) Glorifica-me, ó Pai, com aquela glória que tinha

contigo antes que o mundo existisse.» (João 8:23, 42, 17:5).

A conclusão é: Jesus foi o Mestre não só ilustre mas divino.

## II — Que disse Jesus sobre Si mesmo?

Muitas são as frases de Jesus, idênticas às citadas atrás, que evidenciam a consciência que Ele tinha sobre a Sua personalidade. Antes de citar algumas mais, ponderemos: viveu a infância, a mocidade e a maioridade até aos 30 anos na aldeia de Nazaré, onde ganhou a vida pelo trabalho de carpinteiro e possivelmente pelo amanho de algumas courelas. Estudou profundamente o Velho Testamento e as interpretações que lhe davam os ilustres mestres israelitas. Para sair daquela povoação e da casa familiar, para assumir a missão de reformador religioso do povo, foi indubitavelmente necessário que sentisse impulsos espirituais irresistíveis, alicerçados em convicções. Quais seriam elas?

a) Aos 12 anos, na festa da Páscoa, em entrevista com os doutores da lei, declarou a José e Maria que o tinham procurado ansiosamente: «Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?» (Luc. 2:39-52). Já naquela tenra idade tinha a convicção de que Deus era o Seu Pai e que Lhe competia tratar dos assuntos divinos.

b) Aos 30 anos foi baptizado por João porque concordava com o ensino deste e, quando ele cessou a sua missão por ser preso, Jesus começou a Sua, porque «o tempo estava cumprido e o reino de Deus estava próximo» (Marc. 1:14-15). Estava portanto convicto de que chegara o tempo do restabelecimento do «reino de Deus», isto é, dos princípios religiosos e morais baseados em uma correcta visão do carácter divino. Ora tanto o estabelecimento do reino de Deus como o tempo em que se deveria dar estavam preditos nos Profetas. Por exemplo em Isaías 60:12, 18, 19, 21 e Daniel 2:44 e 7:27. Os Profetas falaram e escreveram sobre a obra de difusão dos bons princípios espirituais que culminaria no estabelecimento de uma era de paz e de felicidade, «o reino de Deus». Quanto ao tempo em que se deveria iniciar a proclamação desta reforma, evitaremos longo trabalho de pesquisas no Velho Testamento, lembrando o que o Apóstolo Pedro disse ao povo de Jerusalém: «Todos os profetas, desde Samuel, todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias (Actos 3:24). A Sua convicção da chegada do tempo para que se iniciasse a obra difusora dos bons princípios de Verdade assentava nas afirmações proféticas, embora pudesse ter outra origem extra-terrestre — como veremos — mas relembrar os Profetas era a maneira mais penetrante de chamar as atenções dos Seus ouvintes para o Seu ensino.

c) Outra das Suas fortes convicções era que «Viera ao mundo para dar testemunho da Ver-

dade e todo aquele que fosse da Verdade havia de ouvir a Sua voz» (João 18:37). Foi esta convicção profunda que deu e dá ao Seu ensino uma autoridade irresistível! Note-se desde já que só desejava ensinar a Verdade. Orientou sempre o Seu ensino segundo as características divinas que os homens do Seu tempo podiam conhecer através de todo o Velho Testamento.

d) Estava também convicto de possuir uma vida extra-temporal: «Em verdade vos digo que antes que Abraão existisse Eu sou» (João 8:56). Nas vésperas da Sua morte, naqueles momentos em que o ser humano fala sempre com veracidade sobretudo na oração a Deus, Ele dizia: «Pai, glorifica-me junto de Ti mesmo com aquela glória que Eu tinha contigo antes que o mundo existisse» (João 17:15).

Se assim pensava, não admira que dissesse: «Eu e Deus somos um» (João 10:30); «Quem me vê a Mim, vê o Pai» (João 14:9). «Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim» (João 14:6).

Esta união com Deus manifesta-se nas Suas quatro biografias em que os Seus ensinamentos estão enquadrados por actos sobre-humanos: vitória sobre os elementos desencadeados, curas de doentes incuráveis, alimentação milagrosa de multidões, ressurreição de mortos, domínio sobre poderes satânicos, etc. e Ele bem podia dizer: «Pai, graças Te dou por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves» (João 11:41-42). Os Seus milagres — tais como nenhum outro homem de Deus fizera até então (João 15:24) — eram a prova de que Deus sempre O ouvia, porque entre os dois havia uma unidade de pensamento e de essência.

É que Ele **saíra** de Deus e viera ao mundo e, quando deixasse o mundo, regressaria a Deus (Ver João 16:28).

Sem recorrer aos fenómenos extraordinários do Seu nascimento, ressurreição e ascensão, baseados apenas nas declarações das convicções de Jesus, que poderemos nós deduzir? Poderão elas ser consideradas com mera exaltação de sentidos? Os Seus ensinamentos e acções sobrenaturais desmentem tal exaltação e comprovam que de facto possuía essas convicções. Aquele Jesus que sempre pugnou pela verdade, que queria ser a personificação da verdade, não rejeitou a declaração do Apóstolo Pedro: «Quem dizeis vós que Eu sou? E Simão Pedro respondeu-lhe: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. E Jesus disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi a carne nem o sangue que te deram essa revelação, mas meu Pai que está nos céus» (Mat. 16:15-18).

Que faremos então de Jesus? Foi mais do que Mestre e Senhor. Foi a encarnação humana de um Ser celestial, do Filho de Deus. Deixaremos este apelativo para análise posterior.

(Continua no próximo número)

# ORAI PELO VIETNAM

OS DIRIGENTES e membros da Missão do Vietnam telegrafaram recentemente à Conferência Geral solicitando as orações dos membros em todo o mundo pela obra do Vietnam. Os dirigentes da Conferência Geral reuniram-se imediatamente em oração e, seguidamente, o conselho daquela organização votou transmitir este apelo a todos os nossos membros por meio de um anúncio na **Review** e nas outras revistas da igreja. Algumas das principais preocupações são:

1. — Mobilizar para a evangelização crentes que sofreram as devastações da guerra e ajudar a reparar os templos danificados.

2. — O êxito e a segurança dos colportores-evangelistas que viajam por todo o país a pé, de bicicleta, em rickshaw e em canoas. Foram presos vinte colportores e oito deles assassinados.

3. — Terminar o novo edifício do hospital em Saigão, cuja construção foi suspensa por dificuldades financeiras, havendo a necessidade de mudar do velho Hospital do Terceiro Exército para as novas instalações em Junho deste ano.

4. — A falta de pessoal hospitalar. Apesar de o hospital se encontrar superlotado com doentes vietnameses e estrangeiros, foi necessário reduzir o pessoal por razões económicas.

5. — Pagar as despesas com os doentes de cardiologia. A equipa de médicos especialistas do coração de Loma Linda, que fez 60 operações em Abril e Maio de 1974, está a realizar mais 60 operações ao coração durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 1975. A Universidade de Loma Linda e os médicos cardiologistas oferecem o tempo e muito equipamento, mas as restantes despesas têm que ser suportadas pelo Hospital Adventista de Saigão.

Por todo o Vietnam os adventistas são conhecidos como «pacificadores» e «reparadores de corações». Este pode ser na verdade o momento mais oportuno para apoiarmos os nossos obreiros e membros que servem Cristo naquele país.

Duane S. Johnson

# O MOVIMENTO CARISMÁTICO À LUZ DA PROFECIA

---

Dr. Jean Zurcher — Último artigo da série

---

Na véspera do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII orou por um novo Pentecostes na igreja. «Essa oração está a cumprir-se nos nossos dias», afirmou o padre jesuíta Herbert Schneider, num folheto publicado na Alemanha sob o título de «Nova Vida do Espírito» (1973). Dirigindo-se a outro grupo, o pastor Arnold Bibblinger escreveu num pequeno livro sobre a Igreja Carismática: «Há cerca de dez anos que está a ter lugar um reavivamento espiritual na igreja em todo o mundo, qualquer coisa que nunca antes aconteceu na história do Cristianismo».

Quem o poderia ter previsto há apenas alguns anos, quando se falava duma sociedade totalmente secular, de «ateísmo cristão», da «cidade sem igreja», e do movimento que pregava que «Deus morreu»? Alguns já consideravam a religião como um fenómeno do passado e as igrejas como obstáculos ao progresso; mais ainda, na sua opinião, as leis sociais eram a única resposta aos males da sociedade.

O facto é que o generalizado reavivamento espiritual a que estamos a assistir nos nossos dias prova simplesmente que o homem não pode viver sem religião. O colapso dos valores morais essenciais criou um vazio espiritual, uma fome e uma sede que a abundância da nossa sociedade materialística não pode satisfazer, porque — será preciso repeti-lo? — «Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.»

Que faz o mundo religioso para remediar essa fome espiritual, tão claramente predita pelo profeta Amós, para os tempos do fim? (Amós 8:11-14.) Têm, com efeito, as igrejas, regressado à Palavra de Deus? Em que medida estão elas seguindo a única estrada que conduz ao genuíno reavivamento? «À lei e ao testemunho», sem os quais não poderão ter luz para dar ao povo (Isa. 8:20). Seguindo este critério e com o recurso de revelações especiais do Espírito de Profecia, examinemos o valor das manifestações carismáticas de que está tirando partido o contemporâneo movimento neo-pentecostal, a fim de compreendermos o seu significado profético.

## Reavivamento e a sua falsificação

Os escritos do Espírito de Profecia, seguindo certos textos das Escrituras, mostram claramente que «A grande obra do evangelho não deverá encerrar-se com menor manifestação do poder de Deus do que a que assinalou o seu início. As profecias que se cumpriram no derramamento da chuva temporã no início do evangelho, devem novamente cumprir-se na chuva serôdia, no final do mesmo... Esta obra será semelhante à do dia de Pentecostes. Assim como a 'chuva temporã' foi dada, no derramamento do Espírito Santo no início do evangelho, para efectuar a germinação da preciosa semente, a 'chuva serôdia' será dada em seu final para o amadurecimento da seara.» — **O Conflito dos Séculos**, págs. 449, 450.

Mais duma vez, durante a sua visita à Europa (1885-1886), Ellen White anelou por esse novo Pentecostes, por causa do obstáculo que para ela constituíam as diferentes línguas. Com a data de 13 de Junho de 1886, escreveu no seu diário: «É com anelo ardente que antevejo o tempo em que se hão-de repetir os acontecimentos do dia de Pentecostes com um poder ainda maior do que nessa ocasião. João diz: 'Vi outro anjo descer do céu, tendo grande poder; e a terra foi iluminada com a sua glória'. Nessa altura, como na época pentecostal, as pessoas ouvirão a verdade que lhes será pregada, cada uma na sua própria língua. Deus pode insuflar nova vida a cada alma que deseje servi-l'O, e pode tocar os lábios com a brasa viva do Seu altar, e fazer que se torne eloquente na Sua glorificação. Milhares de vozes serão imbuídas com o poder de proclamar as maravilhosas verdades da palavra de Deus.» — **Review and Herald**, 20 de Julho de 1886.

Em muitas ocasiões a Irmã White viu em visão um reavivamento e um movimento de reforma formar-se entre o povo de Deus dos últimos dias. Ela procurou constantemente mostrar que «um reavivamento da verdadeira piedade entre nós» era «a maior e a mais urgente de todas as nossas

necessidades» (**Mensagens Escolhidas**, Liv. 1, pág. 121), e que a reforma é indispensável entre o povo de Deus se este deseja enfrentar vitoriosamente a crise final.

«Fiquei profundamente impressionada com as cenas que ultimamente passaram perante mim nas visões da noite. Parecia estar-se operando um grande movimento — uma obra de reavivamento — em muitos lugares. Nosso povo corria a seus postos, atendendo ao chamado de Deus.» — **Serviço Cristão**, pág. 42. E diz de novo: «Em visões da noite passaram perante mim representações dum grande movimento reformatório entre o povo de Deus. Muitos estavam louvando a Deus. Os enfermos eram curados, e outros milagres eram operados. Viu-se um espírito de intercessão tal como se manifestou antes do grande dia de Pentecostes. Viam-se centenas e milhares visitando famílias e abrindo perante elas a Palavra de Deus. Os corações eram convencidos pelo poder do Espírito Santo, e manifestava-se um espírito de genuína conversão. Portas se abriam por toda a parte para a proclamação da verdade. O mundo parecia iluminado pela influência celestial.» — **Testemunhos Selectos**, Vol. III, pág. 345.

No **Conflito dos Séculos** faz-se do mesmo modo referência ao tempo da chuva serôdia. Ali a serva de Deus prediz um grande reavivamento entre o povo de Deus que o tornará apto a terminar a Sua obra. Escreveu ela: «Antes de os juízos finais de Deus caírem sobre a Terra, haverá, entre o povo do Senhor, tal avivamento da primitiva piedade como não foi testemunhado desde os tempos apostólicos. O Espírito e o poder de Deus serão derramados sobre os Seus filhos. Naquele tempo muitos se separarão das igrejas em que o amor deste Mundo suplantou o amor de Deus e a Sua Palavra. Muitos, tanto ministros como leigos, aceitarão alegremente as grandes verdades que Deus providenciou que fossem proclamadas no tempo presente, a fim de preparar um povo para a segunda vinda do Senhor.» — pág. 340.

Então, o reavivamento entre o povo de Deus não é simplesmente um desejo. Embora ele dependa da conduta da igreja, está predito como uma realidade futura que terá lugar no seu devido tempo e, de acordo com a promessa de Deus, por intermédio do derramamento do Espírito Santo no tempo da chuva serôdia. Mas a falsificação desse segundo Pentecostes é da mesma maneira certa. Satanás disfarçar-se-á em anjo de luz para enganar, se possível, os próprios eleitos. Para impedir o plano de Deus e extraviar aqueles que anelam por um reavivamento espiritual, o inimigo não só procurará falsificar o reavivamento, mas também antecipar-se a ele.

Pela pena de Ellen White o Salvador desejou alertar-nos, para que pudéssemos desmascarar os estratagemas do adversário quando a altura chegasse. Esta revelação, escrita imediatamente

a seguir à última citada, tem uma importância especial para nós que somos as primeiras testemunhas desses acontecimentos: «O inimigo das almas deseja estorvar esta obra; **antes que chegue o tempo** para tal movimento, esforçar-se-á por impedi-la, **introduzindo uma contrafacção**. Nas igrejas que puder colocar sob o seu poder sedutor, fará parecer que a bênção especial de Deus foi derramada; manifestar-se-á o que será considerado como grande interesse religioso. Multidões de pessoas exultarão de que Deus esteja operando maravilhosamente por elas, quando a obra é de outro espírito. Sob o disfarce religioso, Satanás procurará estender a sua influência sobre o mundo cristão.» — **Ibid.**

Esta revelação da ordem cronológica dos acontecimentos deve ajudar-nos a compreender melhor os tempos em que vivemos. Também, se o verdadeiro despertamento deve ser caracterizado pelo derramamento do Espírito Santo — por um novo Pentecostes — a contrafacção só pode ser uma imitação do baptismo do Espírito, uma caricatura do Pentecostes. E não será precisamente esse o espectáculo oferecido pelo despertamento religioso em curso no mundo cristão contemporâneo — um reavivamento que a si mesmo se rotula de carismático, que pretende ter o dom do Espírito? Não é o falar em línguas extáticas em sim mesmo uma manifesta falsificação do verdadeiro dom de línguas?

O movimento tem-se realmente desenvolvido ao ponto de outros cristãos acreditarem que é seu dever tomar uma posição inequívoca sobre o assunto. É por isso que, por exemplo, um grupo de ministros e leigos evangélicos no Sudoeste da França expôs o perigo por meio dum manifesto público. Entre outros pontos apresentados, a sua conclusão, que se parece com uma citação de **O Conflito dos Séculos**, diz: «A generalidade e as pretensões do Movimento Carismático não podem ser consideradas como fruto de um pequeno erro. A desarmonia muito humana que provoca e os seus aparentemente bem-intencionados compromissos com o Catolicismo e o Ecumenismo obrigam-nos a reconhecê-lo como um poder frenético sedutor, um reavivamento falso subtil. Existe o perigo de que seja o cimento que fará os evangélicos aderirem ao aprisco do Movimento Ecuménico.» — **Ichthus**, Maio-Junho de 1973.

## O Grande Engano

A palavra profética tanto no Antigo como no Novo Testamento não deixa de chamar a nossa atenção para «a hora da tentação que há-de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra» (Apoc. 3:10). «Haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo», indica o profeta Daniel (Dan. 12:1). Num plano religioso, Jesus disse-nos

qual seria a razão: «Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos» (Mat. 24:24).

O apóstolo Paulo também afirma que a segunda vinda de Cristo será precedida duma manifestação da «eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça», de muitas manifestações sobrenaturais para enganar «os que não creram a verdade» e que «não receberam o amor da verdade para se salvarem» (II Tess. 2:9-12).

Encontram-se estas mesmas predições no livro do Apocalipse, acrescidas de mais alguns pormenores que são importantes. No capítulo 13, versículos 11 a 17, o profeta não se contentou simplesmente com a descrição do grande engano; localizou no tempo e no espaço o poder político-religioso por intermédio do qual o grande enganador se propõe actuar. Geograficamente, esta profecia só se pode aplicar aos Estados Unidos, onde aquele poder político-religioso desempenhará uma função determinante no conflito final contra o povo de Deus (conf. **O Conflito dos Séculos**, págs. 323-329, 444-450). A cronologia da profecia é igualmente clara. O texto diz que o animal com chifres de cordeiro, simbolizando os Estados Unidos, exercerá «todo o poder da primeira besta na sua presença ... **cuja chaga mortal fora curada.**»

Que a chaga mortal sofrida pelo papado em 1798, no fim dos 1260 dias proféticos, esteja curada, não pode mais ser posto em dúvida. Sem entrarmos nos pormenores históricos dos últimos trinta anos, durante cujo tempo o papado tem readquirido o seu lugar no seio das nações, citaremos somente o discurso proferido por Paulo VI em Nova Iorque, no dia 5 de Outubro de 1965, na altura do XX aniversário da organização das Nações Unidas, em que foi convidado de honra. Para ele, tal facto representou um atestado de saúde. Note-se a sua frase-chave: «Estamos celebrando aqui o fim duma laboriosa peregrinação em busca dum colóquio mundial ... Sois vós que representais todas as nações.»

A estes exactos pormenores geográficos e cronológicos, o profeta de Patmos acrescentou outros pormenores acerca do modo como se efectuará o grande engano. Falando do seu poder, escreveu: «E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens. E engana os que habitam na terra **com sinais** que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta ...» (Apoc. 13:13, 14).

A luz destes pormenores proféticos não é de surpreender, primeiramente, que este grande movimento de reavivamento tenha nascido nos Estados Unidos por cerca de 1960. Tão pouco é de admirar que se tenha introduzido na Igreja Católica desde 1967, ainda mais do que em círculos protestantes. Também ninguém se deve surpreender com o facto de que o sinal distintivo do

Movimento Carismático seja o baptismo do Espírito, com o sinal de falar em línguas. Isto ajusta-se ao que predisse o profeta quando especificou: «E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens.»

«Fogo do céu» é a expressão favorita dos pentecostais e neo-pentecostais para designar o dom do Espírito Santo, o baptismo do Espírito. Além disso, é a própria linguagem da Bíblia. Ao anunciar a vinda do Messias, João Baptista disse: «Aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; cujas alparcas não sou digno de levar; Ele vos baptizará com Espírito Santo, e com fogo» (Mat. 3:11). Foi também como «línguas de fogo» que o Espírito Santo desceu sobre os discípulos no dia de Pentecostes (Ver Actos 2:3). Devia, portanto, esperar-se que o supremo engano do grande enganador fosse um falso derramamento do Espírito Santo «à vista dos homens.»

### O Inimigo Desmascarado

«Satanás tem há muito estado a preparar-se para o esforço final a fim de enganar o Mundo. ... Pouco a pouco tem ele preparado o caminho para a sua obra-prima de engano: o desenvolvimento do espiritismo. Até agora não logrou realizar completamente os seus desígnios; mas estes serão atingidos no fim dos últimos tempos. Diz o profeta: 'Vi ... três espíritos imundos semelhantes a rãs. ... São espíritos de demónios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis de todo o Mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus todo-poderoso.' Apocalipse 16:13, 14.» — **O Conflito dos Séculos**, págs. 412, 413.

Ellen White não deixou de desmascarar o inimigo e de denunciar os seus enganos pelo nome — espiritismo. É verdade, especificou ela, que se trata duma nova forma de espiritismo, «...ocultando alguns dos seus mais reprováveis aspectos» ... revestindo-se duma «aparência cristã». Nesta nova forma, «longe de ser mais tolerável do que o foi anteriormente, é na verdade um engano mais perigoso, por isso que mais subtil. Embora antes atacasse a Cristo e a Sagrada Escritura, hoje professa aceitar a ambos. Mas a Bíblia é interpretada de molde a agradar ao coração não regenerado, enquanto as suas verdades solenes e vitais são anuladas. Preocupa-se com o amor, como o principal atributo de Deus, rebaixando-o, porém, até reduzi-lo a sentimentalismo enfermizo, pouca distinção fazendo entre o bem e o mal. A justiça de Deus, a Sua reprovação ao pecado, os requisitos da Sua santa lei, tudo isto é posto de parte. O povo ensinado a considerar o decálogo como letra morta. Fábulas apazíveis, fascinantes, cativam os sentidos, levando os homens a rejeitar as Sagradas Escrituras como o fundamento da fé. Cristo é tão verdadeiramente negado como antes ...» — **O Conflito dos Séculos**, p. 410.

«Imitando mais de perto o espiritismo o cristianismo nominal da época, tem maior poder para enganar e enredar. O próprio Satanás está convertido, conforme a nova ordem de coisas. Ele aparecerá no carácter de anjo de luz. Mediante a agência do espiritismo, operar-se-ão prodígios, os doentes serão curados, e efectuar-se-ão muitas e inegáveis maravilhas. E, como os espíritos professarão fé na Sagrada Escritura, e demonstrarão respeito pelas instituições da igreja, a sua obra será aceita como manifestação do poder divino.» — **Ibid.**, pág. 432.

A exactidão do pormenor nestas citações é impressionante. Não é difícil ver nelas um retrato literal do que está a acontecer hoje nos círculos religiosos para experimentar o despertar e reconhecer o novo Pentecostes. Mas há ainda outro aspecto — focado pelo Espírito de Profecia — que é o de tais círculos terem como um dos seus objectivos a união das igrejas. «Um dos mais preciosos frutos do Movimento Carismático contemporâneo», escreveram K. e D. Ranaghan no seu livro sobre o Pentecostalismo Católico nos Estados Unidos, «é a aproximação de cristãos de muitas denominações ...» (**Catholic Pentecostals**, pág. 255).

Eis o que o Espírito de Profecia diz a esse respeito: «A linha de separação entre cristãos professos e ímpios é agora dificilmente discernida. Os membros da igreja amam o que o Mundo ama, e estão prontos para se unirem a ele; e Satanás está resolvido a uni-los em um só corpo, e assim fortalecer a sua causa arrastando-os todos para as fileiras do espiritismo. Os romanistas, que se gloriam dos milagres como sinal certo da verdadeira igreja, serão facilmente enganados por este poder operador de prodígios; e os protestantes, tendo rejeitado o escudo da verdade, serão também iludidos. Romanistas, protestantes e mundanos juntamente aceitarão a forma de piedade, destituída da sua eficácia, e verão nesta aliança um grandioso movimento para a conversão do Mundo, e o começo do milénio há tanto esperado.» — **O Conflito dos Séculos**, págs. 432, 433.

### As Escrituras — Nossa Salvaguarda

Como podemos ver, este assunto relaciona-se com notícias recentes. Merece a nossa atenção. Com a abundância de advertências que o Senhor nos deu por intermédio do Espírito de Profecia, nenhum adventista deve ser surpreendido pelos acontecimentos. Apesar disso, «estamos nós apercebidos para a prova que nos aguarda quando as mentirosas maravilhas de Satanás forem mais amplamente exibidas? Não serão muitas almas enredadas e arrebatadas? Separando-se dos positivos preceitos e mandamentos de Deus, e dando ouvidos às fábulas, o espírito de muitos se está

preparando para receber esses milagres de mentira. Cumpre buscarmos todos armarmo-nos para o combate em que nos havemos de em breve empenhar. A fé na Palavra de Deus, o estudo secundado de oração e aplicado praticamente, será nosso escudo contra o poder de Satanás ...» — **Testemunhos Selectos**, Vol. I, pág. 100.

Nunca é demais lembrar que não estaremos lidando com impostores. «Os homens são enganados por sinais que os agentes de Satanás têm poder para fazer, e não pelo que pretendem realizar.» E, «quando postos em face de manifestações que não podem senão considerar como sobrenaturais, serão enganados e levados a aceitá-las como grande poder de Deus.» — **O Conflito dos Séculos**, págs. 406, 407. Depois, a pena da inspiração também nos avisa de que «... antes do fim veríamos manifestações estranhas da parte daqueles que professavam ser guiados pelo Espírito Santo. Pessoas há que tratam como alguma coisa de grande importância essas manifestações peculiares, que não são de Deus, mas são calculadas a desviar a mente de muitos dos ensinamentos da Palavra.» — **Mensagens Escolhidas**, Liv. 2, pág. 41.

O próprio Jesus nos preveniu da extrema subtilidade dos enganos a que estariam expostos os filhos de Deus nos últimos dias, quando disse: «... se possível fora, enganariam até os escolhidos.» Na realidade, a Bíblia assinala que há uma única maneira de passar a prova vitoriosamente: «Como guardaste a palavra da Minha paciência, também Eu te guardarei da hora da tentação que há-de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra» (Apoc. 3:10). «Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus» (Apoc. 14:12).

É isto exactamente o que aconselha o Espírito de Profecia. A Palavra de Deus é sempre apresentada como o único meio pelo qual podemos distinguir entre o verdadeiro e o falso, o autêntico e a sua contrafacção. «Os que não aceitam a Palavra de Deus tal qual reza, serão apanhados em sua armadilha.» — **Mensagens Escolhidas**, Liv. 2, pág. 52. «A pele de ovelha parece tão real, tão genuína, que o lobo só pode ser descoberto quando vamos à grande norma moral de Deus e aí vemos que eles são transgressores da lei de Jeová.» — **Review and Herald**, 25 de Agosto de 1885.

Satanás «aplica actualmente todos os seus esforços em preparar-se para a luta final contra Cristo e os Seus seguidores. O último grande engano deve logo patentear-se diante de nós. O anticristo vai operar as suas obras maravilhosas à nossa vista. Tão meticulosamente a contrafacção se parecerá com o verdadeiro, que será impossível distinguir entre ambos sem o auxílio das Sagradas Escrituras.» — **O Conflito dos Séculos**, pág. 436.

# A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ NA IGREJA AD

O CONJUNTO de escolas da Igreja Adventista constitui o maior sistema escolar protestante no mundo e o segundo nos Estados Unidos. Este sistema escolar, estritamente ligado com as igrejas, é composto por escolas de todos os níveis, desde a escola primária à universidade, mas com relevante preponderância para as escolas primárias. Conforme as últimas estatísticas do fim do ano de 1973, das 4340 escolas adventistas no mundo, 3847 eram escolas primárias.

Creemos ser muito significativo salientar que a localização de todas essas escolas, mas particularmente das escolas primárias, está directamente relacionada com a maior parte das regiões do mundo onde a obra adventista está solidamente estabelecida e em pleno desenvolvimento. Alguns exemplos, tais como Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos, Filipinas, Colômbia, Venezuela, Brasil e Angola, bastam para provar esta evidência.

Poderá ser apontado como uma das maiores fraquezas da igreja adventista na Europa, o não ter acatado as instruções claras e bem incisivas do Espírito de Profecia sobre a imperiosa necessidade de se atender às «escolas paroquiais», ou seja, às escolas primárias nas nossas igrejas. No vasto território europeu da nossa Divisão havia, no final de 1973, treze escolas primárias. Em Portugal havia nessa data uma escola primária e neste momento há duas.

Depois destes números e factos tão eloquentes e antes ainda de apelarmos para a consciencialização dos adventistas em Portugal sobre a necessidade de escolas primárias nas nossas igrejas, desejamos citar, sem qualquer comentário, alguns depoimentos de E. White sobre este tema.

**Sofremos terríveis perdas:** As vezes fico desejando que Deus fale aos pais com voz audível como falou à esposa de Manué, dizendo-lhe o que deviam fazer para educar os filhos. Sofremos terríveis perdas em cada ramo da obra, devido à negligência da educação no lar. Foi isso que nos impressionou a mente com a necessidade de escolas em que a influência religiosa predomi-

nasse. Se algo pode ser feito para anular esse grande mal, fá-lo-emos na força de Jesus» (1).

**Escolhei a Escola em que o fundamento é Deus:** «Planejando acerca da educação dos filhos, fora do lar, devem os pais compenetrar-se de que não mais é coisa livre de perigo enviá-los às escolas públicas, e cumpre que se esforcem para os enviar às escolas onde obtenham educação baseada em fundamento escriturístico» (2).

«... Não obstante esta clara instrução, permitem alguns do povo de Deus que os filhos frequentem escolas públicas, onde se misturam com os que têm moral corrupta. Pais cristãos, deveis tomar providências para que vossos filhos sejam educados nos princípios bíblicos» (3).

**A verdade bíblica é neutralizada; a criança é confundida:** «Acaso recebem nossas crianças dos professores da escola pública ideias em harmonia com a Palavra de Deus? É o pecado apresentado como uma ofensa contra o Senhor? É a obediência a todos os Seus mandamentos ensinada como sendo o princípio de toda a sabedoria? Mandamos nossos filhos à escola sabatina para que sejam instruídos acerca da verdade, e depois, ao irem à escola diária, são-lhes ministradas lições eivadas de falsidade. Tais coisas confundem a mente e não devia ser assim; pois se os jovens recebem ideias que pervertem a verdade, como será neutralizada a influência dessas instruções?

«Podemos nos admirar de que, sob tais circunstâncias, alguns de nossos jovens não apreciem as vantagens religiosas? Podemos nos admirar que sejam arrastados à tentação?» (4).

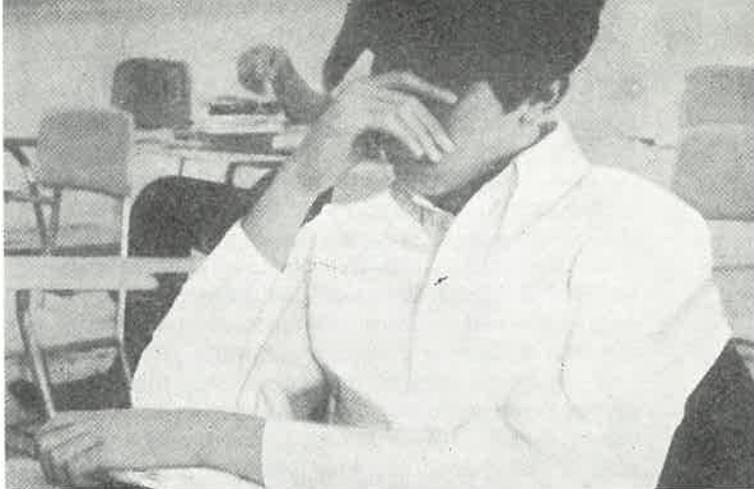
**Escolas em todas as nossas igrejas:** «Em todas as nossas igrejas deve haver escolas, e nessas escolas professores que sejam missionários» (5).

«Onde quer que haja alguns observadores do Sábado os pais se devem unir para providenciar um lugar para uma escola em que suas crianças e jovens possam ser instruídos» (6).

«... nas localidades onde há igreja, devem-se estabelecer escolas, mesmo que não haja mais que seis crianças para frequentá-las. Trabalhai



# DVENTISTA



como se o fizésseis para salvar a própria vida, para salvar os filhos de serem afogados nas influências contaminadoras e corruptoras do mundo» (7).

**Deus fez provisão:** «Nossas escolas são o instrumento especial de Deus para preparar as crianças e os jovens para o trabalho missionário. Devem os pais compreender a sua responsabilidade e ajudar os filhos a apreciar os grandes privilégios e bênçãos que Deus para eles proveu nas vantagens da educação» (8).

Os perigos das escolas públicas são hoje mais nefastos do que no passado. Precisamos fazer planos sábios a fim de salvaguardar os nossos filhos e jovens da onda da incredulidade e imoralidade, para que firmem a sua fé e fortaleçam a igreja.

A igreja de Oliveira do Douro apercebeu-se desta grande necessidade. Decidiu, em colaboração com a Associação, abrir provisoriamente a sua escola primária no rés-do-chão da igreja, onde está funcionando no seu segundo ano lectivo. Um bom terreno foi comprado pela igreja, onde se ergue já o novo edifício para uma escola com oito salas de classe. Compreendeu que algo podia ser feito para anular o mal e disse: «Fá-lo-emos na força de Jesus».

Ansiando que outras igrejas tomem iniciativas idênticas, foi votado na Associação incentivar o estabelecimento e o desenvolvimento de Escolas Primárias nas igrejas da Associação Portuguesa. Foi também adoptado um regulamento, vindo da União, que estabelece os princípios gerais e bases financeiras para a abertura de escolas de igreja. As igrejas de Coimbra e Espinho seguem a esteira de Oliveira do Douro, onde esperamos que haja duas novas escolas no começo do próximo ano lectivo. Encorajamos outras igrejas a estudar esta possibilidade nas suas reuniões administrativas, podendo contar com o nosso apoio e orientação. Dispondo duma sala para aulas de 25 a 50 m<sup>2</sup>, casa de banho e um pequeno pátio para recreio, podemos requerer alvará para uma escola primária. Tudo o resto, com a colabo-

ração de todos e a garantida ajuda divina, aparecerá, transformando-se assim, uma ideia, numa escola primária de igreja.

É este um investimento vantajoso e um caminho seguro para o estabelecimento dum sistema de educação adventista em Portugal. Uma boa rede de escolas primárias nas nossas igrejas será a melhor defesa da vida espiritual dos nossos jovens e um óptimo viveiro de futuros alunos para a Escola Secundária Adventista em Portugal que, graças ao plano desta Campanha das Missões e à ajuda de Deus, desejamos seja já uma realidade num futuro muito próximo. Este é o tempo oportuno: façamos planos ousados para abrir escolas primárias; trabalhemos afincadamente nesta Campanha das Missões para termos uma escola secundária, estabelecendo assim um sólido sistema de educação adventista em Portugal, para que os nossos filhos e jovens que crescem e são educados em lares e escolas adventistas, por pais e professores adventistas, segundo os princípios adventistas, pensem e procedam, agora e no futuro, como adventistas. Assim surgirá um verdadeiro exército de oficiais de igreja fiéis, de obreiros, leigos activos e pastores consagrados, para que o Evangelho alcance definitivamente, pelo exemplo e pela palavra, todas as almas sinceras e Jesus venha finalmente implantar o Seu reino de justiça e amor.

## BIBLIOGRAFIA

- (1) Manuscrito 119, 1899 ou Orientação da Criança, pág. 303.
- (2) Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes, pág. 183 ou Orientação da Criança, pág. 304.
- (3) Manuscrito 100, 1902 ou Orientação da Criança, pág. 305.
- (4) Testemunhos Selectos, Vol. II, pág. 452 ou Orientação da Criança, pág. 305.
- (5) Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes, pág. 150 ou Orientação da Criança, pág. 306.
- (6) Testemunhos Selectos, Vol. II, pág. 456.
- (7) Idem, Vol. II, pág. 458 ou Orientação da Criança, pág. 309.
- (8) Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes, pág. 149 ou Orientação da Criança, pág. 311.

SE ALGUÉM pensar que a respiração não é importante, tente reter o fôlego durante dois minutos. Descobrirá imediatamente como o conforto e a vida dependem duma respiração normal.

Um escritor inspirado declarou que a oração é a respiração da alma. Aqueles que experimentam uma vida cristã feliz descobriram a veracidade desta declaração. Os que negligenciarem a oração, em breve perdem o interesse pelas coisas espirituais. Sufocam espiritualmente.

A oração sempre foi importante para mim. Não é uma superstição. Havia sem dúvida certa formalidade quando ajoelhei encostado a minha mãe para dizer a minha primeira oração à hora de deitar. Mesmo depois de aprender a recitar o «Pai nosso que estás no céus», a oração ainda era algo que eu sentia ser uma obrigação. À medida em que os anos e as experiências foram trazendo a fé, a oração tornou-se uma doce e necessária fonte de poder.

Tinha eu cerca de 10 anos quando Deus pela primeira vez respondeu duma forma dramática à minha oração. Os meus pais tinham-me comprado com sacrifício um par de óculos de cuja necessidade eu os tinha conseguido convencer. Um dia descobri que os óculos estavam perdidos e decidi guardar o segredo. No entanto o meu irmão mais novo depressa descobriu a minha dificuldade e ameaçou-me de ir dizer aos meus pais. A situação tornou-se impossível um dia quando, juntamente com um grupo de rapazes, nos dirigíamos da escola para casa. O meu irmão estava-me fazendo a vida a tal ponto difícil que exclamei, em desespero: «Posso encontrar os meus óculos. Posso ajoelhar aqui mesmo na estrada e pedir a Deus que me ajude.»

Enquanto eles riam e faziam troça de mim, ajoelhei. Subitamente, enquanto orava de joelhos, fiquei a saber onde estavam os meus óculos. Pus-me de pé num instante e corri para casa. Trepei rapidamente pelo feno do nosso celeiro e ali, em cima duma viga, estavam os meus óculos. Tinha-os lá colocado para poder dar cambalhotas à vontade em cima do feno. Isto foi o princípio de muitas experiências maravilhosas com o meu Pai que diz: «Pedi, e dar-se-vos-á.»

A segunda experiência comovente surgiu alguns anos mais tarde. Depois de pagar a minha conta final no Colégio Walla Walla e quando me preparava para me dirigir à escola médica, descobri que me restavam apenas 14 dólares. Estava a 2 700 Km da escola médica e tinha uma família que dependia de mim. Que deveria fazer? Orei e senti-me impressionado a «pedir boleia». Foi uma das poucas vezes na minha vida em que recorri a esta maneira de viajar. Três dias depois chegava a Loma Linda com dez dólares no bolso. Logo que pude fui falar com o reitor da faculdade. Ambos exprimimos satisfação por eu ali me encontrar. Então exprimi o desejo de trabalhar e ele assegurou-me que haveria imenso que fazer. Finalmente ganhei coragem e perguntei de quanto

dinheiro precisaria para começar. Quando ele soube que eu só tinha dez dólares começou a enumerar com muita gravidade todas as coisas para as quais seria preciso dinheiro. Por fim disse que eu precisaria de 200 dólares e perguntou se eu tinha maneira de os pedir emprestados a alguém. Afirmei que iria experimentar e saí da sua presença muito triste.

No cimo da subida estava o sanatório onde, com o meu curso de enfermeiro, encontrei trabalho. A minha mãe costumava dizer: «Deus ajuda aquele que se ajuda a si mesmo.» Na véspera de iniciarem as aulas eu tinha conseguido economizar 30 dólares, com os quais eu sabia que seria impossível começar. Ainda orando e mantendo a esperança, dirigi-me ao correio. Havia uma quantidade de cartas «com muita pena» em resposta aos meus

# PORQUÊ ORAR ?

---

**LAWRENCE E. C. JOERS**

Médico Administrador do Hospital  
Adventista de Oklahoma, E. U. A.

---

pedidos de dinheiro. Ao escolher a minha correspondência, admirei-me de ter um telegrama. Era de um médico amigo a quem eu não tinha escrito a pedir dinheiro. Dizia: «Tenho impressão precisas dinheiro. Envio-te 200 dólares.»

Voei praticamente para o escritório do reitor com o meu telegrama. Na manhã seguinte, um felicíssimo aluno de medicina, carregado de livros, começou o longo mas interessante curso que terminou com o muito desejado diploma de médico. Deus tinha removido uma tremenda montanha e muitas mais tem removido durante os muitos anos em que temos praticado juntos esta profissão.

João disse: «E qualquer coisa que Lhe pedirmos, d'Ele a receberemos; porque guardamos os Seus mandamentos, e fazemos o que é agradável à Sua vista» (1 João 3:22).

Esta promessa é válida em qualquer lugar e para toda a gente. Deus cumpriu-a numa terrível batalha no Pacífico Sul, durante a segunda guerra mundial. Fui chamado à enfermaria para tratar dum marinheiro ferido. Subitamente senti-me impressionado com o pensamento de que o meu navio estava em grande perigo e de que eu devia orar. Enquanto trabalhava no marinheiro agradeci a Deus pela Sua promessa de ser comigo e pedi-Lhe protecção especial. Pouco depois, sobre o convés, um oficial excitado perguntou-me se eu tinha visto os torpedos. Informado de que eu tinha estado em baixo na enfermaria, explicou então o que havia acontecido enquanto o nosso navio descrevera perigosas curvas em ziguezague com o resto da esquadra. Tinha-se visto um torpedo correr na direcção de estibordo do nosso navio e bater na zona do costado correspondendo à enfermaria. Não chegou a explodir! Outro torpedo mergulhou profundamente perto do centro do navio e perdeu-se no fundo do oceano. Seguiu-se um terceiro que passou rasando as hélices do navio. O oficial terminou a sua assombrosa narrativa perguntando-me: «Que diz o senhor a uma coisa destas?»

Depois do contacto dirigi-me à ponte para falar ao comandante. As suas primeiras palavras foram: «Cirurgião, o Deu Todo-poderoso tomou hoje conta deste navio.»

«Bem o sei», respondi.

«Você não pôde ver o que vimos aqui em cima,» insistiu ele. «Vinhm quatro torpedos direitinhos a nós. O primeiro rasou a proa do navio. O segundo bateu a estibordo sem explodir. Os torpedos nunca mergulham tão fundo como o terceiro que passou por baixo de nós. O quarto foi por um triz que não atingiu a hélice. Doutor, eu tenho que dar esta informação para Washington, mas receio que a interpretem como sinal de esgotamento em combate.» E concluiu dizendo outra vez: «O Deu Todo-poderoso protegeu hoje o nosso navio.»

No meu camarote, de joelhos, concordei completamente com o comandante enquanto agradecia a Deus por ter ouvido uma humilde oração no meio dum terrível combate.

«Examinai tudo. Retende o bem» (I Tess. 5:21). A oração modifica situações. Tenho visto doentes condenados curarem-se subitamente. Vi um espírito mau dominado. Tenho visto evitarem-se desastres iminentes. Tenho visto tornarem-se relativamente simples operações cirúrgicas aparentemente impossíveis. Tenho visto a vitória sobre hábitos pecaminosos numa vida inteira. Tenho visto o amor de Deus enternecer e dar esperança a um pecador endurecido. Tenho visto o amor de Deus responder «Não» quando um «Sim» teria sido desastroso. Tenho visto todas estas coisas e ainda mais nas respostas de Deus a orações de fé. Grandes coisas acontecerão àqueles que derem a Deus uma oportunidade de agir na sua vida.

# COLÉGIO ADVENTISTA DE NEWBOLD

## CURSOS DE INGLÊS — 1 a 30 de Julho

Apesar das dificuldades económicas, a Grã-Bretanha parece manter a sua popularidade no mundo das actividades de férias. No ano passado muitos turistas visitaram Londres e o campo verdejante e agradável que ainda se encontra ao redor das nossas grandes cidades. Muitos também se inscreveram para vir até Newbold, mais do que aqueles que pudemos acomodar. Qualquer que seja o seu interesse, história, literatura, música, arquitectura, engenharia ou apenas admirar as paisagens, encontrará sempre na Grã-Bretanha alguma coisa que lhe atrairá a atenção. Mas acima de tudo ela oferece-lhe a sua língua, e não há nada mais emocionante que experimentar o seu inglês na Inglaterra, falando com pessoas inglesas.

Há muito tempo que Newbold recebe visitantes do exterior nas suas magníficas instalações situadas na verdejante província de Berkshire. Disparamos de um corpo de eficientes professores de línguas, com cursos apropriados para principiantes e também para aqueles que têm um conhecimento mais adiantado do inglês. Durante um mês (de 1 a 30 de Julho), em lições de manhã e à tarde, os professores de Newbold ajudam os seus alunos nas dificuldades que encontram nas aulas e ainda os acompanham em excursões bem planeadas a Londres e às zonas circunvizinhas.

Newbold apela dum modo especial aos jovens adventistas. É-lhes possível gozar aqui o companheirismo de jovens como eles, vindos de muitas outras terras. Eis a opinião duma jovem sobre a sua estadia em Newbold durante o Verão passado:

«O certificado do exame Pitman chegou há alguns dias. Junto remeto a folha assinada por mim. Aproveito esta oportunidade para agradecer a época de Verão mais bem aproveitada de toda a minha vida. Tudo foi excelentemente planeado e a bênção de Deus sobre todas as coisas fez que a minha estadia no Colégio de Newbold fosse útil em mais de um aspecto. Por intermédio dos valores espirituais que aí nos foi dado partilhar, o Senhor nos «aperfeçoou, confirmou, fortificou e fortaleceu» (I Ped. 5:10). Falando por mim, como adventista ainda bem recente na fé, isso era exactamente o que eu precisava. Muito obrigado!»

Aqui também se pode aperfeiçoar o conhecimento da língua que é tão utilizada pela nossa igreja. Então porque não aproveitar as férias deste ano para fazer algo mais do que simplesmente apreciar paisagens? Escreva já a pedir informações sobre os cursos de inglês em Newbold para: Dr. A. J. Woodfield, Summer School Director, Newbold College, Bracknell, Berkshire RG12 5AN, INGLATERRA.

# SERVIÇO VOLUNTÁRIO ADVENTISTA EM CABO VERDE



**KAI BUSK NIELSEN  
ESCOLHEU SERVIR PORQUE  
ESTA É A MELHOR MANEIRA DE AMAR**

— Seja bem-vindo, Kai, à Missão de Cabo Verde e Guiné. Estamos realmente felizes porque chegou, pois há meses o aguardávamos com ansiedade!

Com seus 192 centímetros de altura, Kai Busk Nielsen podia ser facilmente localizado entre a multidão que naquele domingo se acotovelava no hall do aeroporto da Praia, capital de Cabo Verde.

Filho de um industrial dinamarquês, Kai aprendeu cedo a arte dos trabalhos com madeira e mecânica, o que o tem tornado extremamente útil em sua múltipla função de «Voluntário». Mas o Kai não se limitou a esta formação manual. Estudante consciencioso que sempre foi, diplomou-se em 1970 com brilhantismo na Escola Superior de Comércio, em Copenhague.

Após haver trabalhado alguns meses como obreiro bíblico e auxiliar pastoral, já como voluntário, em uma pequena cidade do sul do país, Kai desempenhou importantes funções em uma firma dinamarquesa de Comércio Internacional. Em 1973, entretanto, deixou a firma em que trabalhava, e onde desfrutava de excelente situação econômica, para buscar um preparo que considerava essencial a um jovem adventista: estudar em um Colégio-Seminário para fundamentar suas convicções. Assim é que o Kai estava no Seminário Adventista de Collonges-sous-Salève, na

França, quando foi convidado a participar do «Serviço Voluntário Adventista», na Missão de Cabo Verde e Guiné. Não houve hesitação. Terminado o ano escolar, Kai reuniu seus instrumentos de trabalho, seus livros inseparáveis, alguns poucos pertences e rumou para o aeroporto.

Duas expressões se misturavam no brilho de seus olhos enquanto transpunha os milhares de quilômetros que o separavam do Arquipélago de Cabo Verde: a decisão de quem sabe o que quer e o prazer de servir.

A Missão de Cabo Verde estava em um período muito crítico quando Kai chegou. Grande quantidade de trabalho o aguardava, quer na Contabilidade (onde se revelou extremamente eficiente) quer em trabalhos de toda ordem na restauração material de nossas escolas ou na estruturação das Sociedades MV da Missão.

De uma simpatia irradiante, Kai integrou-se imediatamente à nossa pequena equipa de obreiros e à vida nem sempre suave e confortável de nossa Missão.

— Poderia dizer-nos, Kai, por que, depois de haver passado um ano em nosso Seminário, você não voltou à sua lucrativa profissão?

— Ao deixar o meu trabalho em 1973, a razão que me levou a pedir exoneração foi essencialmente o desejo de trabalhar por um ideal que me desse satisfações mais profundas do que as que me podia dar o simples ganho material.

Sem salário, distante dos familiares e dos amigos, correndo muitas vezes o risco de contrair moléstias perigosas, trabalhando quase sem descanso, assim vivem os jovens do «Serviço Voluntário Adventista» em nossas Missões, dominados tão somente pelo ideal de servir, ajudar, construir, mostrando que ainda há amor no coração dos homens, e que por isso mesmo há esperança.

Não dissera Cristo: «Quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á?»

**Malton Braff**



# Oferta «AVENTURA DA FÉ»

Pode parecer estranho que, a propósito de assunto tão prosaico como seja o de uma colecta, se usem termos próprios das coisas que dizem respeito à experiência da nossa vida espiritual. No entanto, não será toda a nossa existência um autêntico cruzeiro de aventura? E não temos nós a esperança de que, durante esta longa viagem, a bússola do nosso navio nos indique sempre a boa direcção, aquela que nos conduzirá sãos e salvos ao porto desejado? Ora, para os crentes — em cujo número estamos incluídos — esta aventura da vida passa-se no domínio da fé. Os grandes vultos de que nos falam as Escrituras já viveram antes de nós.

Esses homens de Deus realizaram ousados empreendimentos porque tomaram a decisão e assumiram a responsabilidade de os realizar, pela fé. Se assim não fosse, como teria sido possível afastar as ondas do Mar Vermelho diante dos filhos de Israel (Êxo. 14:21)? Como se teria podido derrubar as muralhas de Jericó (Jos. 6:20)? Enfim, sem a fé, como teria podido Abraão deixar-nos o magnífico exemplo de obediência recordado na Epístola aos Hebreus (Heb. 11:8)?

A nossa própria existência como indivíduos ficaria privada de um bom número de preciosas experiências, não fosse a nossa confiança incondicional em Deus o motor de tantas das nossas decisões!

Num mundo onde domina o materialismo, a busca desenfreada de riquezas terrenas, a corrida ao poder, nunca poderá a Obra divina ser levada a bom termo, a não ser graças à aventura da fé. O Senhor guiará a Sua igreja até à vitória final. Esta certeza foi dada mais duma vez ao apóstolo João, durante as suas visões proféticas. Expressou-se ele nestes termos: «E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.» (Apoc. 21:2.)

É indubitável que a ordem divina — «Ide... ensinaí todas as nações» (Mat. 28:19) — se dirige a nós hoje. Não será, com efeito, mais do que o tempo de ir e proclamar o Evangelho em todos os lugares onde ele ainda não foi anunciado? E não deveremos nós mostrar-nos sempre prontos a tentar novas aventuras da fé, ao nos desincumbirmos dessa tarefa essencial? Falando de aventura, não pensamos, aliás, apenas em terras distantes. Existem igualmente na nossa pátria vastas regiões onde se procura em vão uma única igreja nossa que, desempenhando o papel de «sal da terra» ou «luz do mundo», possa dar testemunho da próxima vinda de Jesus! Ora, justamente, esse trabalho de evangelização em «novos territórios» poderá efectuar-se, graças à dupla colecta «Aventura da Fé»,

que será recolhida nas igrejas adventistas de todo o mundo, a 26 de Abril e 12 de Julho de 1975. A Conferência Geral pede que fixemos, para essas duas ocasiões, um alvo correspondente à décima parte dos nossos ganhos duma semana.

Mas não é apenas a realização do objectivo proposto para essa oferta especial que constitui uma aventura da fé: nós, os ofertantes, que consentimos em novo sacrifício financeiro, também estamos incluídos nela. Renunciar a qualquer coisa para a consagrar ao Senhor é uma aventura, no sentido em que aquele que assim procede descobre, pela fé, que ele mesmo não é apenas ofertante, mas igualmente — e ao mesmo tempo — receptor! Recebemos de Deus bênçãos inestimáveis quando praticamos a renúncia em benefício dos nossos semelhantes.

Se exercemos neste espírito a nossa generosidade, então as palavras seguintes, dirigidas pelo apóstolo Paulo à igreja de Corinto, em seguida a uma colecta, se aplicarão a nós duma maneira plena:

«Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra.» (II Cor. 9:8)

**E. Amelung**

Tesoureiro de Divisão Sul-Europeia

---

---

## Seminário de Collonges

**CURSOS DE FRANCÊS**

**Porque não aprender o Francês tal como ele é falado na França?**

**Venha no próximo Verão, de 20 de Julho a 29 de Agosto de 1975, tomar os Cursos de Francês do Seminário Adventista de Collonges e visitar o Monte Branco, os Lagos Suíços e Genebra.**

**Para obter informações pormenorizadas, escreva para o Sr. G. Stéveny, Séminaire Adventiste, Collonges-sous-Salève, 74160 St. Julien-en-Genevois, França.**

QUE  
VEM A  
SER A

# C. R. A. M. V. ?

HABITUADOS, como já vamos estando, a ver aparecer constantemente e por toda a parte as mais variadas siglas designativas, em geral, de movimentos ligados a actividades político-sociais, não deixámos de nos sentir inicialmente intrigados por a nossa atenção foi atraída por misteriosas iniciais que há já algum tempo começaram a aparecer ligadas a actividades, para nós pouco definidas, de certos jovens conhecidos da igreja.

Igual curiosidade nos despertaram alguns cartazes que vimos afixados à entrada de várias igrejas nossas e que se dizia fazerem parte da propaganda da **C. R. A. M. V.**, designação que, como viemos a saber, correspondia na sua forma extensa a **Comissão para a Reestruturação de Actividades dos Missionários Voluntários.**



Talvez os Irmãos leitores da **Revista Adventista**, como nós, achem interessante saber o que é e o que faz esta **Comissão**. Eis um resumo do que obtivemos em resposta às perguntas que resolvemos dirigir, nada menos que à pessoa do seu presidente, o jovem José Manuel Ferreira.

A **C. R. A. M. V.** — fomos informados — é uma tentativa para unir os esforços, até agora separados, de todos os jovens **M. V.** de Portugal, ocupando-os numa actividade conjunta que se julga necessária para a realização dos ideais **M. V.** Essa actividade visa dois objectivos: primeiro, a formação de jovens cristãos completos e preparados para servirem de exemplo aos jovens do mundo; segundo, a preparação desses jovens para poderem dar um testemunho eficiente

te na divulgação daquilo que possuem e crêem.

A ideia veio à luz no dia 27 de Agosto de 1974, no Acampamento **M. V.** da Costa de Lavos, durante uma reunião espiritual em que se debatia o tema «A Juventude e a Arte». As conclusões eram que havia muita coisa que atraía os jovens mas não era recomendável nem propícia ao verdadeiro desenvolvimento do espírito. Era evidente a necessidade de suscitar actividades que pudessem ao mesmo tempo interessar e beneficiar a juventude da nossa igreja. Sob proposta de alguns jovens presentes, foi a reunião prolongada até que ficou nomeada uma comissão com a incumbência de estudar e fazer um esboço das possibilidades de dinamizar o programa das «Classes Progressivas», há muito votado a uma certa indiferença entre nós, tendo-se praticamente resumido, na expressão do José Manuel Ferreira, «a decorar versículos da Bíblia e fazer nós».

A comissão ficou constituída por elementos representativos de todo o país, nove ao todo, formando três subcomissões, que são: No Norte: Vítor Alves, do Porto; Lígia Mendes, de Vila do Conde; Eunice Fernandes, de Espinho; Fernanda Amélia, de Oliveira do Douro. No Centro: José Mário Macedo, de Aveiro. No Sul: Jorge Emanuel Pires, da Amadora, Marília de Almeida (secretária) de Lisboa-Roçadas; Luís Carlos Beato, de Lisboa-Central; José Manuel Ferreira (presidente) de Odivelas. A **C. R. A. M. V.** pediu e obteve o reconhecimento oficial no seio da Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, considerando-se a si própria um auxiliar do Departamento **M. V.**, seguindo as directrizes deste e trabalhando em estreita colaboração com o seu secretário nacional, Pastor António Baião.

Depois de organizada, a comissão reuniu-se em plenário apenas uma vez, durante o congresso da juventude em La Coruña, mas as suas subcomissões reúnem-se re-



gularmente nas respectivas zonas. Os membros do Sul adoptaram o sistema de se reunirem todas as sextas-feiras à noite, juntamente com alguns colaboradores, numa das dependências da escola da Igreja Central de Lisboa. Aí discutem os problemas das Classes Progressivas, combinam a maneira de melhor exercerem um certo impacto sobre os jovens, a fim de mais nítida e amplamente lhes transmitirem as suas intenções; ali preparam e experimentam o seu material audio-visual de apresentação e propaganda.

Do programa de trabalho da C. R. A. M. V. fazem parte as reuniões de apresentação aos jovens em todas as igrejas do país. Para essas reuniões são convidados igualmente os irmãos de mais idade que queiram assistir e muitos deles se têm mostrado bastante entusiasmados com estas actividades. No Norte, já foram visitadas as igrejas de Oliveira do Douro, Espinho e Porto. No Sul, já apresentaram o seu programa em Tomar, Santarém, Vila Franca, Portalegre e Barreiro. Faltam ainda as igrejas maiores e com maior número de jovens, que serão em breve atingidas.

Em que consiste um programa típico de apresentação? Consiste basicamente na exposição dos objectivos e planos da Comissão, depois da projecção de um breve filme cultural. A exposição é ilustrada por meios audio-visuais, a fim de melhor transmitir as ideias essenciais. A confiança mútua estabelece-se rapidamente e todos são convidados a se pronunciarem, dando sugestões. O resultado é uma colaboração voluntária que se organiza entre os jovens locais e os elementos da C. R. A. M. V., com os quais depois se mantêm em contacto permanente.

No âmbito das actividades culturais destinadas aos jovens e com o objectivo de despertar talentos e possibilidades dentro da igreja, tem a C. R. A. M. V. a intenção de organizar este ano uma ou mais exposições de arte, a nível nacional, incluindo posters, desenho, fotografia, pintura e escultura, assim como trabalhos manuais em madeira, barro, lã, etc. Fala-se já de datas, regulamentos e outros pormenores que em breve serão anunciados.

No plano evangelístico, as ideias não são menos elevadas, havendo planos para levar a efeito empreendimentos de testemunho público, principalmente por meio de programas da «Voz da Mocidade» bem organizados. Pensa-se também promover uma intensa campanha de relações públicas, levando o conhecimento dos ideais da nossa juventude a todas as pessoas susceptíveis de se interessarem pelos elevados princípios cristãos e pela nossa obra e mensagem. Entendem

os jovens da C. R. A. M. V. que muito pouco se tem feito nesse domínio.

Saudamos o entusiasmo e a coragem destes novos valores que se afirmam dentro da igreja e a revigoram com a sua juventude. Não pretendem avançar sozinhos, contam com o conselho e a experiência dos mais velhos. Apreciam que os saibamos animar e estimular

nas suas iniciativas. Mas procuremos ser positivos, não lhes falemos de fracasso nem respondamos aos seus argumentos com o exemplo de passadas derrotas. É agora a sua oportunidade. Confiemos na sua juventude assim como Deus confiou na nossa. É com eles que a igreja há-de ser levada à vitória.

R. V.



# NOITE MILAGROSA

TRATA-SE do título de uma linda cantata de Natal, de J. W. Peterson, que tivemos o prazer de ouvir em Janeiro deste ano, em Setúbal e Lisboa, executada por um coro composto de 53 elementos de ambas as igrejas, os quais ensaiaram durante dois meses, separadamente e em conjunto, sob a direcção de João Paulo Trindade e da jovem Dalene Raymundo, a quem se deve a iniciativa de experimentar em Portugal o que ela já conhecia do Brasil, onde esteve integrada como pianista no famoso Coral Carlos Gomes.

A Cantata foi igualmente apresentada na Igreja Anglicana de Lisboa, tendo sido muito apreciada, o que constituiu um testemunho positivo a favor da nossa igreja.

Oxalá que a ideia não se perca, mas que este exemplo tenha sido apenas o princípio do muito que pode ser feito com a boa vontade, o esforço e a perseverança daqueles que sentem a responsabilidade de desenvolver os talentos que o Senhor deseja ver utilizados para honra e glória do Seu nome.

R. V.

# O motivo por que Adolfo

História do mês

## não podia comer

Adolfo tinha recebido um convite para ir almoçar a casa do Eduardo e estava, por essa razão, radiante. Considerava isso o acontecimento mais importante da sua vida.

A mãe de Adolfo também estava um tanto excitada. Explicou várias vezes ao filho o que devia fazer e o que não devia fazer, de maneira que os pais do Eduardo pudessem ver que ele era um menino cristão e educado.

Durante alguns dias, tantas vezes lhe disseram: «Adolfo, faz isto e não faças aquilo», que o rapaz começou a ficar embaraçado.

Uma coisa que a mãe lhe explicou muito claramente é que ele nunca devia ser o primeiro a falar; outra coisa era que devia empregar sempre as palavras «Por favor» e «Obrigado», na devida altura. Também nunca devia falar à mesa, com a boca cheia. Mas o mais importante de tudo — disse a mãe — era que não começasse a comer antes de se ter feito a oração e dos outros terem começado primeiro.

Chegou finalmente o grande dia. Adolfo vestiu o fato melhor que tinha, calçou os sapatos muito bem engraxados, cortou o cabelo e dirigiu-se para casa do Eduardo. A mãe do seu amigo recebeu-o à porta e mandou-o entrar com palavras muito agradáveis.

Dali a pouco estavam todos reunidos na sala de jantar. Que cena deslumbrante! Adolfo nunca tinha visto um banquete assim. A mesa estava cheia de alimentos deliciosos, e no lugar de cada pessoa havia pratos dourados e reluzentes talheres de prata. Adolfo começou a imaginar que tinha sido convidado para um palácio real, tão surpreendente se lhe afigurava tudo aquilo. Tinha a certeza de que seria a maior refeição de que jamais participara e decidiu portar-se da melhor maneira possível. Chegou então o Sr. Fernandes, pai do Eduardo, e todos se assentaram em volta da casa.

Havia, porém, uma visível diferença entre o lar de Adolfo e o de Eduardo. O primeiro era um lar cristão, onde se orava antes de cada refeição; mas no outro não se adoptava esse costume, e foi isso que causou a dificuldade.

O alimento foi servido rapidamente e Adolfo sorriu ao ver o conteúdo do seu prato. Lembrou-se da história de Benjamim, que recebeu porção dobrada do seu irmão mais velho. O mesmo sucedia com ele.

la quase a começar a comer, quando se deteve e largou a faca e o garfo. Lembrou-se duma coisa que a mãe lhe tinha dito. Deu então uma olhadela em volta de si. De facto, os outros já tinham começado a comer, mas sem fazer oração! «Oh! que devo fazer?» pensou ele.

Esperou um pouco, até ser notado pelo Sr. Fernandes, que perguntou bondosamente:

— Que acontece, Adolfo? Demos-te alguma coisa de que não gostas?

— Não, obrigado! — disse Adolfo, sentindo-se corar.

— Então come — disse o Sr. Fernandes. — Já todos começámos.

— Sim, senhor, por favor — respondeu Adolfo, corando ainda mais, mas sem tocar nos talheres.

— Não te estás a sentir bem? — perguntou a Sr.<sup>a</sup> Fernandes, em tom preocupado.

— Estou, sim! por favor, obrigado! — disse Adolfo. — Estou muito bem, obrigado!

O Sr. Fernandes largou os talheres.

— Que aconteceu então, filho? — perguntou ele.

Nessa altura já todos tinham parado de comer e estavam a olhar para Adolfo, que desejava nunca ali ter posto os pés.

— Vamos, vamos — disse a Sr.<sup>a</sup> Fernandes. — São as batatas, o repolho, o molho ou o quê? Arranjamos outra coisa se não gostares do que está aqui.

— Oh, por favor! Está tudo muito bom — afirmou o menino. — Só que...

— Só o quê? — perguntou o Sr. Fernandes.

— Só que não se fez oração — esclareceu Adolfo, depois de reunir coragem suficiente para dizer o que sentia no coração. — Jesus não abençoou a comida!

Durante meio minuto houve profundo silêncio. O Sr. Fernandes olhou para a esposa, e agora foram eles que coraram.

Finalmente o dono da casa quebrou o silêncio, declarando:

— Adolfo tem razão. Ainda bem que ele falou no assunto. Curvemos a cabeça e eu vou orar.

«Querido Deus — disse o Sr. Fernandes, — agradecemos-Te pelo alimento. Torna-nos realmente agradecidos a Ti. Abençoa-o para que nos faça bom proveito. Ajuda todos os que têm necessidade. Por amor de Jesus, ámen.»

Seguiu-se outro silêncio, interrompido pelo retirar dos talheres no prato de Adolfo. Agora, que já se tinha feito o que era devido, ele estava a tratar de recuperar o tempo perdido.

(Adaptado de **The Children's Hour**,  
Vol. I, pág. 67-70)

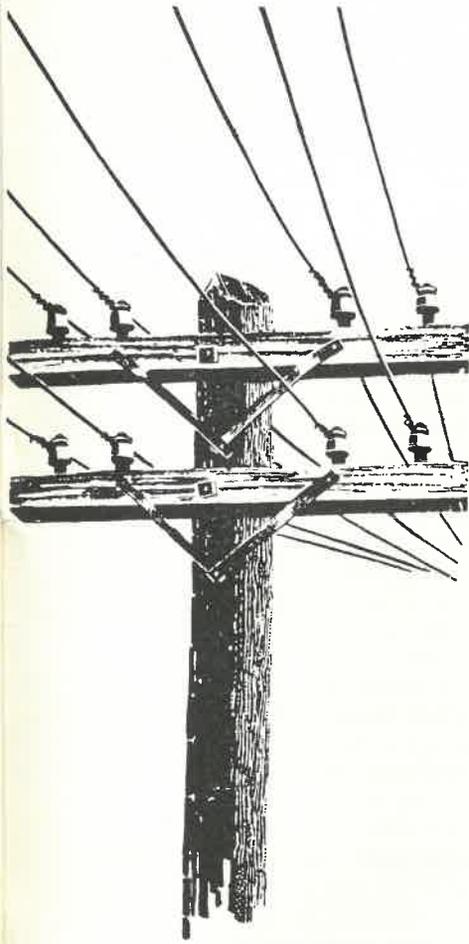
# NOTÍCIAS DO CAMPO

**Joaquim Casaquinha**

Depois de alguns anos de actividade nas igrejas de Oliveira do Douro e Avintes, onde fez uma abençoada experiência pela qual nos sentimos gratos a Deus, foi agora colocado no Algarve onde, a partir de Fevereiro, se ocupa das igrejas de Faro e Vila Real de Santo António.

**Maria Manuela Pereira da Câmara**

A Associação acaba de admitir a seu serviço, como secretária dos escritórios, a jovem Maria Manuela Pereira da Câmara. Esta jovem, que frequentou o nosso Colégio de Helderberg, na África do Sul, pertencia à igreja do Lobito, Angola.



**Amílcar Lopes**

O Pastor Amílcar Lopes, que há alguns meses regressara de Moçambique com a sua família, entrou ao serviço da Associação Portuguesa a partir do passado mês de Janeiro, tomando a seu cargo a igreja de Alvalade.

**António Maurício**

Passou igualmente a fazer parte da equipa de obreiros da Associação Portuguesa, a partir da mesma data, o Pastor António Maurício, que há alguns meses havia deixado Angola, por motivos de saúde. Juntamente com a sua família, encontra-se actualmente em Oliveira do Douro, tendo a seu cargo aquela igreja e a de Avintes.

**António Gameiro**

No passado mês de Fevereiro regressou de Collonges, onde terminou o seu curso de evangelista, o Irmão António Gameiro. Este irmão que, antes de ir ao Seminário, havia já trabalhado como enfermeiro em Moçambique, passa a ocupar-se da evangelização em Santarém.

## CONFERÊNCIA GERAL NA ÁUSTRIA

VIENA, 1 a 19 de Julho de 1975

### AVISO

Sabemos que há vários irmãos das igrejas da Associação Portuguesa fazendo planos para visitar Viena, aproveitando a data da Assembleia da Conferência Geral, que se realizará naquela cidade — e pela primeira vez na Europa — no próximo mês de Julho.

Gostaríamos de ter ali um boa representação do nosso campo e de proporcionar o maior número de facilidades àqueles que porventura já se tenham decidido ou venham ainda a decidir pela ida a Viena.

Dada a grande afluência de obreiros e membros de igreja de todo o mundo, as entradas no local das reuniões são limitadas e reservadas com antecipação, o que tem de ser feito desde já, **durante o mês de Março**, junto dos obreiros responsáveis pelas diferentes igrejas. No caso de os pedidos excederem as disponibilidades, terão preferência os primeiros inscritos.

Reservam-se igualmente quartos, lugares em camaratas ou em parques de campismo, caso os pedidos sejam feitos dentro do prazo estabelecido. Os irmãos obreiros estão de posse de todos os elementos de informação necessários para esse fim.

No próximo número da **Revista Adventista** aparecerá um artigo com mais pormenores sobre o que vai ser este grande acontecimento, mas será provavelmente tarde para decidir. Todos os que se sintam interessados devem tomar imediatas providências, para que não aconteça virem a ficar sem lugar.

Faça já o seu plano. Pode escolher assistir às reuniões do primeiro período (10 - 13 de Julho); do segundo (14 - 16 de Julho); ou do terceiro (17 - 19 de Julho); mas, para cada um destes períodos, o número de entradas reservadas a Portugal é de 80 pessoas. Do primeiro período restam já poucos lugares.

**Marque o seu encontro com Deus em Viena!**

# RESSUSCITOU!

Comodamente instalados nos bancos da igreja, cantamos o nosso amor pela «mui rude cruz», dizendo que ela tem para nós «atractivos sem fim», esquecendo-nos de que um hebreu recuaría horro-rizado à vista de semelhante objecto.

Só os bandidos e traidores, açoitados até ao local da execução, eram crucificados. Não havia nada de romântico nos corpos pendurados em árvores, escurecidos pelo sol, abandonados às repelentes aves de rapina. Essas vítimas eram consideradas pelos judeus como amaldiçoadas por Deus.

Mas o Salvador transformou esse ensanguentado instrumento de tortura — escândalo para os judeus e loucura para os gregos — num púlpito a que Ele próprio subiu para pregar o poder do amor que redime a um mundo que O não compreendeu.

Naquele austero dia de Sábado, a fé esteve sepultada com o Salvador no sepulcro de José. Uma vez os discípulos haviam subido aos píncaros da fé e expulsado os demónios. Agora, com o seu Rei destronado, a morte lançava o gelo do inverno sobre o claro verão das suas esperanças. As suas palavras confiantes: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo», faziam troça das horas vazias que passavam. As profecias, outrora radiantes de promessas, mostravam-se agora sem sentido em face da triste realidade. As suas palavras ecoavam pesarosamente no vale do desespero: «Nós esperávamos que fosse Ele que remisse Israel.»

Quando na escuridão do Calvário soou a severa exclamação: «Está consumado», a dúvida fez fugir a fé da mente dos discípulos e o desespero apoderou-se dos seus corações. Não podiam compreender a incrível verdade de que Ele, o Embaixador do Céu, suportava sobre os Seus ombros o peso dos pecados deste mundo, que só Ele podia «abrir a porta do céu e mandar-nos entrar.»

Soou então a triunfante mensagem: «Ele não está aqui, porque já ressuscitou». Como resultado, aquele grupo de homens medrosos, escarnecidos ao correrem a esconder-se atrás das portas trancadas, passou por uma súbita transformação. O povo escutou maravilhado quando, destemidamente, declararam: «Varões israelitas, escutai estas palavras: a Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por Ele fez no meio de vós, como vós mesmo bem sabeis;... ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela» (Actos 2:22-24).

Nada continuaria a ter o mesmo sentido para os Seus discípulos, quer então quer agora. Sejam quais forem os planos frustrados, sejam quais forem as tristezas que invadam o espírito, quer a vida mude ou se consuma, nada tem de importância diante do facto de que o Eterno ressuscitou para governar eternamente como Rei e Senhor os homens e as nações.

Para além do tempo e do espaço o futuro está seguro. As forças da ansiedade e do desespero não podem derrotar o Seu reino de poder e permanência. Deus está em Cristo, reconciliando consigo o mundo. A um mundo amedrontado é proclamada a mensagem: «Eu sou... o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre» (Apoc. 1:18). Quando o sentido da vida parece oculto em mistério e o negror faz desaparecer a luz, podemos ter a certeza de que o Pai amoroso que olhou pelo Seu Filho através da escuridão do Calvário, não abandonará os Seus filhos no seu próprio Getsêmane. Esperanças abaladas e acariciados planos podem atravancar o caminho. O êxito pode não parecer mais que uma vaga recordação e os gélidos ventos da incerteza podem soprar em todas as direcções. Então podemos lembrar-nos da Sua vida. Quantas vezes as nuvens da tempestade se acumulavam, ocultando completamente a luz do Sol. No entanto quando Jesus atravessou sozinho a escuridão, mostrou que nada pode destruir a realidade da vida. Por cima da confusão e do ódio do nosso mundo destroçado pelo medo, Ele ainda tem o domínio.

As palavras fragmentadas, escritas por um pai pagão sobre o túmulo da sua filha, ao atravessarem os séculos, trespassam o coração:

«Cleon não esquece os delicados passos  
De Scylla, a sua pequenina,  
Que nunca mais voltará à casa de seu pai,  
Mas percorre a longa descida para o silêncio  
Cansada e só.» — Citado em *Prize Sermons*,  
ed. Edwin A. McAlpin, D. D. (New York:  
Macmillan, 1932), pág. 253.

No entanto, para os cristãos, a morte, o maior inimigo de todos, está derrotada. O epitáfio do cristão é transfigurado pela promessa: «Sabemos que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele.» «Onde está, ó morte, a tua vitória?» «A tristeza da partida ou o desanimador receio do esquecimento desvanece perante a certeza de que o Salvador derrotou o poder da morte para que todo aquele que crê n'Ele possa viver.

Quando o vento frio do Inverno dá lugar ao sol suave da Primavera, abrem-se os botões de todas as plantas que florescem. A Natureza testifica de que a Primavera eterna prevaleceu através do universo. Cristo percorreu uma vez, em meio à espessa neblina do Getsêmane e à indescritível agonia do Calvário, a solitária descida para o túmulo de José. Agora é o nosso Senhor ressuscitado, para sempre entronizado como Sacerdote e Rei. Porque Ele vive, a dúvida, a derrota e a morte estão vencidas. Deste modo, podemos cantar como cristãos tomados duma alegria indizível:

«Cristo já ressuscitou, Aleluia!»

Russell H. Argent